

Primeira parte: Investigação Histórico-Filosófica

Fazer da Aufklärung a questão central quer dizer com toda certeza, um certo número de coisas. Quer dizer de início que engaja-se em uma certa prática que se chamaria histórico-filosófica, que não tem nada a ver com a filosofia da história ou a história da filosofia. (...) Trata-se, de fato dessa prática histórico-filosófica de fazer sua própria história, de fabricar como por ficção a história que seria atravessada pela questão das relações entre as estruturas de racionalidade que articulam o discurso verdadeiro e os mecanismos de assujeitamento que a eles são ligados, questão, vê-se bem, que desloca os objetos históricos habituais e familiares aos historiadores em direção ao problema do sujeito e da verdade de que os historiadores não se ocupam. Vê-se igualmente que esta questão cerca o trabalho filosófico, o pensamento filosófico, a análise filosófica nos conteúdos empíricos traçados precisamente por ela.

Michel Foucault, *Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung.*

1. Um resgate da atitude crítica

Em *Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung*, uma conferência pronunciada na sociedade francesa de filosofia em 27 de maio de 1978, Foucault define o seu empreendimento como um resgate da atitude crítica¹. Em seus últimos textos, notadamente entre 1978 e 1984, ano de sua morte, ele se dedicava a investigar, em estreita ligação com suas pesquisas sobre a sexualidade, de que forma a modernidade se propôs como questão a atualidade, de que forma a modernidade voltou-se para si mesma a fim de pensar o presente.

¹ FOUCAULT, M., *Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung*, p.47.

Esta questão, ligada ao projeto crítico de Kant, é colocada de forma mais explícita em *What is Enlightenment?* onde Foucault se inscreve na tradição crítica inaugurada por Kant, recebendo, por conta dessa filiação, críticas de muitas direções.

Mas de fato, Foucault sempre se ocupou, do início ao fim do seu projeto filosófico, dos problemas levantados por Kant. E, para melhor compreensão do papel da crítica no trabalho de Foucault, seguiremos, neste capítulo, os passos de sua interlocução com a filosofia crítica.

Sua tese complementar de doutorado foi justamente uma tradução comentada do texto *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, publicada em 1964. O comentário, em forma de introdução que antecede a tradução, nunca foi publicado e durante muito tempo só pôde ser consultado no *Centre Michel Foucault*². Nesse texto Foucault identifica o seu trabalho como uma “arqueologia do texto” anunciando o futuro tratamento de outros textos kantianos ao colocar a seguinte questão: “se fosse possível a arqueologia do texto, não permitiria ele mesma ver nascer um *homo criticus*, cuja estrutura seria essencialmente diferente daquela do homem que o precedeu?”³

A *Antropologia* de Kant foi seu último trabalho publicado, em 1798, treze anos depois de seu primeiro livro sobre a moral. Kant, mais interessado em seu trabalho metafísico, concebe a *Antropologia* como o campo empírico da filosofia moral que está completamente desprendida de tudo quanto pode ser unicamente empírico,⁴. Na própria *Antropologia* Kant a define como “uma doutrina sistemática do conhecimento do homem”, a qual, de um ponto de vista pragmático, “explora o que o homem faz enquanto ser de atividade livre e o que pode ou poderá fazer de si mesmo”⁵. A *Antropologia* kantiana é, portanto, uma analítica empírica do ser humano. A leitura que Foucault faz do conceito de homem na *Antropologia* de Kant – “o homem como cidadão do mundo”, nas palavras de Kant – faz o contato entre o campo moral empírico relacionado com a metafísica moral e outro campo moral

² Atualmente disponível na Internet, no endereço: www.geocities.com/bernardorieux/michel.html.

³ FOUCAULT, M. *Thèse Complémentaire*, p.4.

⁴ KANT, I. *Grounding for the Metaphysics of Morals*, p.2.

⁵ *Id.*, *Antropologie du point de vue pragmatique* (tradução de Michel Foucault), p. 11.

empírico – experimentado, concreto, efetivo – da *praxis* humana; precisamente a rede de saberes que, em torno da loucura, se tece na Idade Clássica. Provavelmente é este contraste a fonte da crítica de Foucault à filosofia transcendental.

Tal crítica se estabelece frente à pergunta transcendental sobre o homem como sendo a possível fonte da antropologização de nosso saber. Desde em 1961, data de publicação da História da loucura na idade clássica, a resistência a pergunta kantiana está baseada na analítica interpretativa da experiência da loucura. Essa oposição pode ser vista como a abertura para um segundo encontro com Kant.

Por um lado, ao final da breve nota introdutória à *Antropologia* – a qual Foucault dá o título de nota histórica – aparece uma nota de pé de página que pode ser entendida como um tipo de compromisso futuro do trabalho intelectual de Foucault: “As relações entre o pensamento crítico e a reflexão antropológica serão estudadas em um próximo trabalho”⁶.

Por outro lado, Foucault evoca com clara precisão, a “morte de Deus” nietzscheana como fonte de inspiração frente à pergunta sobre o homem. Quase ao final da *thèse complémentaire* Foucault afirma que a reflexão de Nietzsche havia entreaberto a porta de uma verdadeira crítica: “não está, com efeito, manifesta na “morte de Deus” um gesto duplamente assassino que colocando em questão, ao mesmo tempo, a existência do homem?”⁷.

Depois de escrever *O nascimento da clínica*, e explorar o sentido da literatura como transgressão, Foucault reencontra Kant. Em *As palavras e as coisas* o encontro com Kant era incontornável. A filosofia de Kant pode ser entendida, como o *a priori* histórico constitutivo da *epistémê* moderna.

A substituição da analítica transcendental kantiana por uma analítica do homem, como a moderna concepção de “analítica da finitude”⁸ é apenas o começo da confusão dos campos transcendental e empírico. Essa analítica da finitude marca o próprio nascimento da figura do homem. “O homem aparece em sua posição ambígua como um objeto de conhecimento e como um sujeito que conhece”⁹

⁶ KANT, I. *op.cit.*, p.10.

⁷ FOUCAULT, M. *Thèse Complémentaire*, pp.127-8

⁸ *Id.*, *Les mots et les choses*, cap.IX -3

⁹ *Ibid.*, p., 323.

Foucault vê também nessa analítica da finitude o próprio nascimento da modernidade. A analítica da finitude como visão antropológica do homem é uma permanente tentativa de edificar a “metafísica da vida, do trabalho e da linguagem” como uma cultura que pensa o finito a partir de si mesma. “Nossa cultura cruzou o umbral a partir do qual reconhecemos nossa modernidade, quando a finitude era concebida em uma interminável referência cruzada consigo mesma.”¹⁰. No final das contas, a visão moderna do ser humano como homem é a resposta antropológica para a pergunta kantiana *Was ist der Mensch?*

Mas não é essa, precisamente, a resposta kantiana. Foucault destaca claramente que a caracterização kantiana do conhecimento como participação empírico-transcendental, só constitui o ponto de descontinuidade entre as configurações dogmáticas e antropológicas da filosofia; em outras palavras, o umbral que resta do sono dogmático é o sono antropológico. E, nessa espécie de encruzilhada, de ponto de rompimento, o pensamento crítico kantiano é perfeitamente consciente da divisão entre o empírico e o transcendental. Aos olhos de Foucault a pergunta *Was ist der Mensch?* marcou o pensamento desde o começo do século XIX com a “constituição de um duplo empírico-transcendental”¹¹.

Não obstante, Foucault reconhece, implicitamente, que Kant mantém uma clara distinção entre a filosofia transcendental e a investigação antropológica; ainda que na *Logik* as três perguntas que identificam as críticas - O que posso conhecer?, O que devo fazer?, O que me é permitido esperar? – estejam subordinadas a pergunta *Was ist der Mensch?*¹². Para Foucault, o possível despertar do sono antropológico, consiste em transpor o trabalho do pensamento sobre o vazio do homem. Assim esse segundo encontro com Kant reafirma e orienta a formulação de um novo caminho para o pensamento crítico.

Todos os trabalhos histórico-filosóficos realizados por Foucault – concentrado em experiências humanas concretas e em conhecimentos concretos sobre o homem – foram uma construção permanente de caminhos para uma outra via para o

¹⁰ FOUCAULT, M. op. cit., p. 329.

¹¹, *Ibid.*, p.329.

¹² *Ibid.*, p.352.

pensamento. Por isso Foucault, em retrospectiva do seu próprio trabalho, vai conceber essa via do pensamento como uma investigação histórica que se concentra “Nos acontecimentos que nos levaram a nos constituir como sujeitos do que fazemos, pensamos e dizemos.”¹³ .

Mas além das três Críticas kantianas será possível ver na filosofia uma outra via para o pensamento que seja uma crítica do “sono antropológico”? Parece que *As palavras e as coisas* apenas insinuava uma resposta a essa pergunta. Doze anos depois Foucault começa a tornar explícita essa questão. Foucault concebe o trabalho do pensamento como um prolongamento de sua própria vida intelectual. É nesse sentido que o texto *O que é o iluminismo?* Pode ser lido como um convite a continuar o trabalho histórico filosófico que oferece “alguma medida de clareza à consciência que temos de nós mesmos e de nosso passado.”¹⁴ Segundo a interpretação corrente do trabalho de e Foucault, a questão ética é tratada somente em seus últimos trabalhos, especialmente nos volumes 2 e 3 da *História da sexualidade*. Desprender-se dessa interpretação nos parece absolutamente necessário para encontrar a justa dimensão do projeto filosófico de Michel Foucault. E o ponto chave é que a questão da ética e o trabalho do pensamento estão relacionados de tal modo que um não é mais que a busca de realização do outro. No enlace de ambos surge a “atitude limite”.

Vejam como o terceiro e último encontro de Foucault com Kant, que se dá na em sua interpretação do texto *Was ist Aufklärung?* Tem um papel singular no pensamento de Foucault. Em 1978, Foucault apresenta a sua primeira análise da *Aufklärung* como o problema central da filosofia moderna. Neste texto, que foi o ponto de partida deste capítulo, Foucault diz encontrar, no texto kantiano, boas razões para distinguir a crítica da *Aufklärung*. Essa distinção propõe a interpretação da *Aufklärung* como uma questão de atitude. Ao explorar historicamente a noção de crítica, Foucault privilegia a análise do contraste entre a “arte de governar” e a “arte de não ser governado de uma certa maneira”¹⁵ e identifica essa última como uma “atitude crítica”. Foucault interpreta a resposta de Kant à pergunta sobre o Iluminismo como uma clara distinção

¹³ FOUCAULT, M. *What's the Enlightenment?*, p.46

¹⁴ *Ibid.*, p. 45.

¹⁵ FOUCAULT, M. *Qu'est-ce que la critique? [Critique et Aufklärung]*, pp. 37-8.

entre crítica e *Aufklärung*. Também propõe entender a resposta de Kant como uma identificação da *Aufklärung* com o que ele chama de “atitude crítica”.

Essa atitude é o prolongamento moderno da arte de não ser governado de uma certa maneira. Obviamente Foucault não esquece o projeto crítico – e transcendental – de Kant.

Se existe uma diferença na filosofia kantiana no que concerne à crítica e a *Aufklärung*, será justamente a obstinação de “estabelecer como tarefa principal da crítica, como prolegômenos de toda *Aufklärung* presente e futura, conhecer o conhecimento.”¹⁶

A resposta kantiana à pergunta *Was ist Aufklärung?* não concerne unicamente à atitude crítica frente ao campo político; também concerne ao campo filosófico. A resposta kantiana implica, ao menos estas duas coisas: a explicação de uma posição filosófica em relação a um regime político – “contrato do despotismo racional”¹⁷ proposto por Frederico II – e a classificação de uma posição filosófica frente ao papel do próprio filósofo em sua atualidade e frente à filosofia mesma. Em relação a isso é possível encontrar o significado da imprudência da pergunta posta a Kant em 1784. A resposta kantiana dá início a duas vias para a tradição filosófica. A mais desenvolvida delas foi a continuação da empresa crítica kantiana. A outra, menos desenvolvida, é a continuação da atitude crítica, entendida como uma des-sujeição, e que toma a forma de uma pergunta muito mais imprudente, a saber, de quais excessos de poder, por qual governamentalização baseada na razão não é responsável essa mesma razão?”¹⁸.

O começo desnivelado dessas duas vias para a reflexão filosófica é uma conseqüência da introdução súbita e acidental de um tema muito novo no campo filosófico do século XVIII. Nessa época, “o pensamento racional foi interrogado sobre sua história, sua geografia, seu passado imediato, seu lugar e sua atualidade. *Was ist Aufklärung?* é uma pergunta emblemática desse tema.”¹⁹. Nesse outro texto,

¹⁶ FOUCAULT, M. op. cit., p. 41.

¹⁷ *Id.*, *What's the Enlightenment?*, p. 37.

¹⁸ *Id.*, *Qu'est-ce que la critique? [Critique et Aufklärung]*, p.42.

¹⁹ *Id.*, “La vie, l'expérience et la science”, in *Revue de métaphysique et de morale*, 90º ano, nº 1 *Canguilhem*, janeiro-março de 1985, pp. 3-14. Reeditado em *Dits et écrits*, v. IV, pp 763-776. Nesta reedição, o texto é precedido da seguinte nota explicativa: “M. Foucault desejava oferecer um

do mesmo ano de 1978, Foucault conclui do seguinte modo sua reflexão sobre a questão da *Aufklärung*:

dois séculos depois de sua aparição, a *Aufklärung* retorna tanto como uma via que permite ao ocidente ganhar consciência das possibilidades presentes e das liberdades aceitáveis para ele, como a via que permite questionar os limites e o poder usado por ele. A razão ao mesmo tempo, como despotismo e como ilustração.²⁰

Entre 1983 e 1984, bicentenário do texto de Kant, Foucault avança em seu projeto filosófico mantendo um diálogo estreito com a filosofia crítica, respondendo aqui, à pergunta por outra via para o pensamento desprendida da filosofia kantiana. Esta visada final de Foucault ao trabalho de Kant não se concentra somente no texto sobre o Iluminismo. Também se volta para os textos kantianos dedicados a história. De modo semelhante à questão colocada em *As palavras e as coisas*, em que o trabalho filosófico de Kant é visto como a fundamentação da *epistémê* moderna, agora Foucault encontra, nos textos de Kant, a fundamentação da modernidade histórica. Uma modernidade histórica enraizada nas perguntas acerca da revolução e da *Aufklärung*. Essa modernidade histórica é o prolongamento da via do pensamento filosófico menos desenvolvido desde o final do século XVIII. Segundo Foucault tal via consiste em um questionamento permanente sobre a *Aufklärung* como questão de atitude, a “atitude de modernidade”. Foucault se inscreve nessa tradição e define o seu próprio trabalho como uma investigação histórico-filosófica, um resgate da atitude crítica em termos de uma reflexão permanente do nosso ser histórico. Tanto no texto sobre a crítica quanto nos trabalhos sobre o Iluminismo ele destaca a especificidade de tal investigação. Acompanharemos no capítulo seguinte como a reflexão metodológica é sempre retomada em seu projeto filosófico.

texto inédito à *Revue de métaphysique et de moral*, que dedicava um número especial ao seu mestre, Canguilhem. Esgotado, ele pôde apenas modificar o prefácio que havia escrito para a tradução americana de *O normal e o Patológico*. Ele enviou esse texto no final de abril de 1984: foi, portanto, o último ao qual deu seu imprimátur”.

²⁰ FOUCAULT, M. op. cit., p. 769.